

**A Presença da Escola na Comunidade *Tekoa* Guarani  
Trajetória Histórica**

Helena Alpini Rosa\*

**Resumo:** O tema “A Presença da Escola na Comunidade *Tekoa* Guarani - Trajetória Histórica” surgiu a partir do trabalho com professores Guarani dos Estados da região Sul e Sudeste do Brasil no Curso de Magistério: Kuaa-M’boe = Conhecer-Ensinar, desenvolvido pelas Secretarias de Educação, Ministério da Educação (MEC) e Fundação Nacional do Índio (FUNAI). A pesquisa abordará a história recente da escola nas últimas décadas do século XX e anos iniciais do século XXI pensando a escola como interface da cultura Guarani. O foco principal são as comunidades de Massiambu e Morro dos Cavalos, no município de Palhoça (SC), nas Escolas Kaa Kupé e Itaty. Metodologia utilizada se fundamenta na perspectiva da História Oral, com fontes orais e entrevistas com professores e lideranças da comunidade, bem como documentação referente à temática.

**Palavras-chave:** História, Guarani, Escola

**Abstract:** The theme “the presence of the school in Tekoa Guarani community – a historical trajectory” arose during a course with Guarani teachers from the south and southeast states of Brazil who are attending a “Magistério” course: Teko –M’boa (know –teach) developed by Secretaria de Educação, Ministério da Educação (MEC) and Fundação Nacional do Índio (FUNAI). This study will approach the recent history of the school in the last decades of twentieth century and in the beginning of twenty first century schools, linking the school as an interface of Guarani culture. The main focus of the study are the Cacupe and Italy in the community of Massiambu and Morro dos Cavalos in Palhoça, (Santa Catarina state). The methodology used by the study will be based on an oral historical perspective, interviewing teachers and community leaders, as well as documents regarding to the theme.

**Keywords:** History, Guarani, School

No ano de 2003, a Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina – SED/SC, através de Núcleo de Educação Indígena - NEI, juntamente com a Fundação Nacional do Índio - FUNAI/SC elaborou um programa de formação de professores específico para indígenas da etnia Guarani. O programa tem o formato de um curso de Magistério – formação de professores para atuarem em nível de Ensino Fundamental, séries iniciais. Este Programa foi resultado de reivindicações feitas pelos próprios Guarani, reunidos em Conferência na cidade de Florianópolis, no ano de 2002. Esta proposta estava baseada numa experiência anterior, ou seja, a formação para professores Xokleng e Kaingang.

Pelas características específicas do povo Guarani e atendendo as necessidades por eles reivindicadas o curso foi proposto não somente para professores que atuassem nas aldeias Guarani do Estado de Santa Catarina, mas para os professores que atuavam nas aldeias dos estados vizinhos, nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Para isso, foi elaborado um Protocolo

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

de Intenções, o qual foi assinado pelas entidades parceiras que passariam a participar do Programa. Este protocolo de Intenções foi assinado então pela FUNAI, pelas Secretarias de Estado da Educação de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná Rio de Janeiro e Espírito Santo, e, pelo Ministério da Educação através da Secretaria Especial de Educação e Diversidade MEC/SECAD.<sup>1</sup>

O tema “A Presença da Escola na Comunidade *Tekoa* Guarani - Trajetória Histórica” surgiu do trabalho realizado junto às etapas presenciais do Curso de Formação referido acima e tem como objetivo principal o levantamento da trajetória histórica da presença da escola na comunidade indígena Guarani, nas três últimas décadas do século XX e anos iniciais do século XXI. Portanto, uma histórica recente. O foco principal são as comunidades de Massiambu e Morro dos Cavalos, no município de Palhoça, Santa Catarina, referenciando as escolas de Kaa kupe e Itaty respectivamente. Pensar a escola como interface da cultura para os Guarani.

Assim, coloca-se como problema de investigação avaliar a trajetória histórica da presença da escola na comunidade =“*tekoa*”<sup>2</sup> Guarani. A escola em relação à cultura Guarani tem um papel secundário, ainda que esta tenha a proposição de fortalecimento da língua, da tradição. Usando a alegoria da *raiz e da antena*<sup>3</sup> a escola faz parte da antena, daquilo que vem de fora da aldeia, já a educação Guarani é da raiz, assim como fala o professor Ernesto: “*para realizar o nhanderekó (modo de ser) é impossível sem a mata, a cultura é necessariamente produzida dentro da Tekoa (aldeia). A escola, a educação não é só de escola, é muito maior.*” (Ernesto, 2004)<sup>4</sup>

Na história milenar dos povos indígenas, a escola é uma instituição relativamente recente.

*“As primeiras escolas para indígenas – e não de indígenas -, centradas na catequese, ignoraram as instituições educativas indígenas e executaram uma política destinada a desarticular a identidade das etnias, discriminando suas línguas e culturas, que foram desconsideradas no processo educativo”. (FREIRE, 2000, p.17).*

<sup>1</sup> O curso de Formação Guarani tem o formato de presencial e a distância, num total de 4000 horas e forma os professores Guarani para atuarem em nível de magistério - séries iniciais do Ensino Fundamental. As aulas presenciais são em forma de curso de formação de 160 a 180 horas/aula. Tem como título Curso de Magistério: Kuaa-M’boe = Conhecer-Ensinar. (Dados extraídos dos relatórios do curso – acervo da SED/SC)

<sup>2</sup> *Tekoa* deriva de *Teko* = para os Guarani – *teko* é cultura – e conforme o dicionário de Montoya (1639) é “tesouro”. É modo de ser, estima, costume, lei. A cultura do Guarani é científica, antropológica, (...). *Tekoa* = conjunto de convivência que envolve a aldeia como um todo, inclusive o mato. (Meliá, B. in. Apud 500 anos de invasão, 500 anos de resistência, 1992, pp.64-80)

<sup>3</sup> Raiz e antena – analogia feita na disciplina de História pelo professor José Ribamar Bessa Freire do Curso de Formação já citado.

<sup>4</sup> Depoimento na aula de História na Etapa Presencial do Curso de Formação – Relatório de atividades, acervo pessoal.

Os processos próprios de aprendizagem desses povos foram subestimados e permaneciam invisíveis aos olhos dos portugueses. Implicou num processo desagregador para os povos indígenas, pois foi destruindo as formas tradicionais de educação. Fator este que se fez presente ao longo do processo de construção do Brasil, ora com grupos religiosos (jesuítas / missionários), ora com órgãos protecionistas (SPI – Serviço de Proteção ao Índio; FUNAI – Fundação Nacional do Índio), ora com o Estado através de seus organismos de formulação de políticas públicas (Secretarias de Educação).

Para se falar e entender o universo dos Guarani é preciso falar de aspectos como da cultura = *teko* = “modo de ser” Guarani, a língua e a economia Guarani e inserir neste cenário a escola = “*rereko*” que é uma proposta nos moldes da cultura branca = *juruá*<sup>5</sup>.

Os Guarani mantêm uma postura de valorização e preservação do conhecimento tradicional, visando a manutenção de sua cultura e fortalecimento da história do povo em seu território tradicional que abrange, além dos estados da região Sul, Sudeste e Centro-oeste do Brasil, o leste do Paraguai, o noroeste da Argentina e o Uruguai. Apresentam ainda, como característica étnica, uma grande mobilidade espacial (migração) através do seu território tradicional independente da delimitação política de Estados ou de Nações.

Neste sentido, o conceito de cultura que se aplica aqui, vai ao encontro do que Geerts (1978) desenvolve em *Interpretação das Culturas*, numa perspectiva multidisciplinar, com respaldo historiográfico referendando o que se afirma acima, entendendo que a cultura é:

*“padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”.* (GEERTS, 1978, p. 103).

Para o Guarani, a cultura constitui um *bem herdado* das gerações anteriores, seus antepassados, e se expressa especialmente nos rituais da casa de reza = a *Opy*. A cultura é o *modo de ser* expresso em três elementos: educação, linguagem e economia, presentes nas atividades da comunidade. Assim no contexto cultural Guarani a escola pertence à *antena*.

As sociedades indígenas brasileiras compartilham de algumas características comuns. Cada etnia, no entanto, tem sua própria identidade, seu modo de se organizar e ver o mundo. Percebem-se de modo particular e mantém presente sua especificidade apesar dos efeitos do contato com a sociedade branca, especialmente quando a questão é a escola presente na comunidade. *“Nossa escola tem que falar de nossa história, de nossa língua e*

---

<sup>5</sup> *Juruá* = Homem de bigode, expressão Guarani ao referirem-se às pessoas não índias.

*respeitar a nossa religião, somente o professor Guarani pode dar aula em uma escola indígena”*. (Professor Algemiro Poty 2004).<sup>6</sup>

A linguagem, como elemento da cultura guarani, como já foi assinalado, deve ser considerado ao se pensar a escola Guarani. A linguagem como grande veículo de educação – aprende-se quase o essencial pela língua. É uma das grandes forças do povo Guarani. A língua é precisamente uma relação entre as palavras. A escrita tem sido um instrumento válido para fortalecimento da língua. *Tape nhandereko* = A escrita é uma espécie de ver o som. A unificação da representação escrita da língua Guarani pode representar o fortalecimento político do grupo.

A Constituição Federal reconhece aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições (art. 231), além disso, assegura às comunidades indígenas o uso de suas línguas maternas e os processos próprios de aprendizagem (art.210), o que é reforçado pelo artigo 164, § 2º da Constituição do Estado de Santa Catarina. (07/08/1998).

A Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional no artigo 26, § 4º garante a utilização da língua materna e processos próprios de aprendizagem às comunidades indígenas (art.32, § 3º); o desenvolvimento de programas de ensino e pesquisa para oferta de educação escolar bilíngüe e intercultural (art.78) e o apoio técnico e financeiro no provimento da educação às comunidades indígenas reforçando o apoio da União para programas de formação de profissionais destinados à educação escolar nas comunidades indígenas (art.79).

A resolução do CEB nº. 3/99 fixa diretrizes para o funcionamento das escolas indígenas com elementos básicos para a organização (art.1º); autonomia relativa às escolas (art.4º); diretrizes para o Projeto Político Pedagógico (art. 5º); formação e prioridade aos indígenas para o exercício da docência, competência dos Estados em instituir e regulamentar o magistério indígena, admitido por concurso específico (art. 9º, inciso II, alínea d). Postula, ainda, que a formação dos professores será específica, cabendo aos Estados promover a formação inicial e continuada dos professores índios.

O Plano Nacional de Educação dedica um item à educação escolar indígena. Dentre outras determinações atribui aos Estados a responsabilidade legal pela educação indígena, devendo assegurar programas de formação sistemática dos professores índios levando em consideração processos próprios de ensino-aprendizagem, “construção coletiva de conhecimentos na escola e à valorização do patrimônio cultural da população atendida”

---

<sup>6</sup> Professor Guarani participante do Curso de Formação numa das falas a respeito da escola. Fonte Oral – Vídeo - Acervo pessoal.

(Brasil, 2000).

Em algumas aldeias a escola é presente desde o período do SPI (Serviço de Proteção ao Índio)<sup>7</sup>, como responsabilidade inclusive deste órgão. No caso dos Guarani, a escola é um elemento presente desde o período jesuítico (séculos XVI, XVII e XVIII), nas reduções, no oeste e noroeste dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, respectivamente.

A categoria de Escola Indígena foi instituída no Estado de Santa Catarina pela Lei 12.449 de 10 de dezembro de 2002.<sup>8</sup> As escolas presentes nas aldeias indígenas de Santa Catarina tornaram-se dever do Estado. Estão em funcionamento, atualmente, quatro escolas de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental e estão em fase final de implantação mais quatro escolas, totalizando oito escolas em aldeias Guarani. No estado do Paraná existem cinco em funcionamento, havendo necessidade de criação de mais cinco escolas, no estado do Rio Grande do Sul estão em funcionamento 16 escolas que atendem Guarani, já em São Paulo são três escolas e no Rio de Janeiro duas escolas.<sup>9</sup>

Na Secretaria de Estado da Educação, a Educação Escolar Indígena fica ao encargo do Núcleo de Educação Indígena (NEI), constituído de uma equipe técnica, representando as Gerências de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e Ensino Profissionalizante. Integram o Núcleo instituições como a FUNAI, as Universidades do Estado – UDESC e Federal – UFSC e lideranças indígenas das regionais de educação onde se localizam as aldeias. A coordenação é realizada por uma técnica da Diretoria de Educação Básica e Profissional. O NEI constitui um organismo representativo das populações indígenas do Estado para implantação de políticas públicas relativas à educação. Tem como objetivo principal acompanhar e organizar as escolas que estão nas aldeias dos povos Guarani, Xokleng e Kaingang.

A escola não é dos índios, é do Estado. É uma instituição de fronteira. O problema não é interferir, é como interferir. Por isso, esta pesquisa visa também uma avaliação do trabalho realizado pela Secretaria de Estado da Educação através da escola, porque para o Guarani a cultura começa com o nascimento. Pode-se dizer que a cultura tem uma matriz.

---

<sup>7</sup> Serviço de Proteção aos Índios – criado em 20 de julho de 1910 através do Decreto n. 8072, e Localização de Trabalhadores Nacionais (7 de setembro do mesmo ano) que tinha como objetivo aldear os índios junto com caboclos em núcleos agrícolas. Foi em 1914 que o SPI (regulamento de criação do SPI, foi confirmado pelo Decreto n. 9214, de 15 de Dezembro de 1911) passa a tratar somente da questão indígena deixando a localização de trabalhadores nacionais para outra repartição governamental, tornando-se então a base da política indigenista do país.

<sup>8</sup> Lei 12.449, de 10 de dezembro de 2002, publicada no Diário Oficial nº 17.053 de 12/12/2002. “Fica instituído, no âmbito da Educação Básica, a estrutura e o funcionamento das escolas indígenas...”

<sup>9</sup> Dados coletados nas Secretarias de Estado da Educação participantes do Protocolo, já citado.

Nasce-se dentro de uma cultura. Para os Guarani a matriz é muito mais profunda. Para os Guarani a educação da criança começa com a cultura dos pais, antes dela nascer, até o momento que ela cai = *no'a*, na cultura Guarani. Sempre que se fala da cultura indígena é sempre educação. Pode-se aproximar um diálogo intercultural *Nhandereko* = nosso modo de ser.

Assim, perceber o quanto a escola, como instrumento não próprio dos Guarani, está intervindo no modo de ser = *teko* = cultura Guarani torna-se um desafio que com o decorrer da pesquisa pretende-se elucidar. Nesta fase, ainda incipiente, realiza-se o levantamento das fontes, mapeamento as entrevistas no intuito de se configurar como uma “pesquisa qualitativa”, através da metodologia da História Oral na perspectiva da História no tempo presente, devido ao período de concentração da mesma.

A abordagem qualitativa é empregada para a compreensão de fenômenos caracterizados pelo grau de complexidade interna. Através dela, consegue-se penetrar nas intenções e motivos, a partir dos quais ações e relações adquirem sentido. Sua utilização no contexto do tema a ser pesquisado é adequado, pois a pesquisa qualitativa demanda um estudo fundamentalmente interpretativo.

O envolvimento do pesquisador com seu objeto, como uma das características deste método de pesquisa, o que para Chartier (1996), não é inconveniente, mas permite um melhor entendimento da realidade estudada.

*“(...) o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e portanto partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais. Ele é pois o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja história ele escreve. (...) Para o historiador do tempo presente, parece infinitamente menor a distância entre a compreensão que ele tem de si mesmo e a dos atores históricos, modestos ou ilustres, cujas maneiras de sentir e de pensar ele reconstrói” (CHARTIER, 1996 p. 216).*

Portelli (1997), discutindo a importância da História Oral, recursos de muitas pesquisas qualitativas, nos diz que é a subjetividade do expositor que fornece às fontes orais o elemento precioso que nenhuma outra fonte possui em medida igual. A História Oral, mais do que sobre eventos, fala sobre significados; nela, a aderência ao fato cede passagem à imaginação, ao simbolismo. Enfatiza ainda que a realização da História Oral é imprescindível o trabalho de campo:

*“A História Oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que elas tiveram na vida de cada uma. Portanto, apesar de o trabalho de campo ser importante para todas as ciências sociais, a História Oral é, por definição, impossível sem ele.” (PORTELLI, 1997, p.15).*

A pesquisa qualitativa possui caráter mais exploratório, descritivo, indutivo e envolve técnicas como análise de dados secundários, estudos de caso, entrevistas individuais, discussão em grupo, teste de associação de palavras, entre outros.

Neste caso específico, são realizadas entrevistas semi-abertas ou semi-dirigidas com os mais velhos para estabelecer o contraponto ou a interface com a cultura e a casa de reza = *Opy*; com os professores da escola participantes do curso de Formação Guarani *Kuaa Mboe* = Conhecer Ensinar para conhecimento da função da escola dentro da comunidade.<sup>10</sup> Análise da documentação recente produzida por diferentes fontes: os próprios indígenas, especialmente os mais velhos. Destacam-se os diários de classe dos professores, as atas e relatórios das reuniões do NEI e dos cursos de formação de professores, material didático pedagógico impresso utilizado como recurso de ensino e aprendizagem na escola Guarani. Ainda documentos oficiais e publicações do MEC na década de 1990, incluindo diretrizes, normas, decretos, leis, senso escolares, pareceres e resoluções do CNE (Conselho Nacional de Educação), fotos, documentários em vídeos tais como: Vídeo da aldeia de Araponga/RJ; Índios Urbanos; O Guarani de Bracuí/RJ, Guerreiros da Liberdade.<sup>11</sup> Documentos oficiais da Secretaria de Estado da Educação e da Gerencia Regional de Educação de São José, como atas, relatórios, resoluções, diretrizes pedagógicas, projeto político pedagógico das escolas.

As fontes secundárias constarão de estudo e análise de autores que já realizaram pesquisas sobre esta temática, entre eles destaca-se:

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. **Nosso vizinho Kaingáng**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. – Pesquisa realizada na Terra Indígena Xapecó, entre os municípios de Ipuacú e Entre Rios (oeste de SC), na qual aborda a presença e a função da escola na comunidade Kaingáng, bem como sua relação com o entorno.

O caderno do IBASE. **Educação escolar em terra brasilis, tempo de novo descobrimento**. Rio de Janeiro: IBASE, 2004. Trata da prática da diversidade como condição de identidade, liberdade e cidadania dos povos indígenas. Mostra que a escola indígena tem

<sup>10</sup> No curso citado, o sábio (mais velho) da comunidade Guarani, Sr. Alcindo Moreira participa como professor da “memória” da história e dos costumes de sua etnia. Será uma das entrevistas realizadas.

<sup>11</sup> Os vídeos são instrumentos utilizados nas aulas do curso de formação, já estão catalogados e fazem parte do acervo dos materiais didáticos pedagógicos do referido curso. Constitui também acervo de fontes orais.

muito a ver com os ventos da mudança, de afirmação do direito às próprias culturas; valorização da diversidade étnica.

MONTE, Nietta Lindenberg. **Escolas da Floresta, entre o passado oral e o presente letrado**. Rio de Janeiro: Multiletra, 1996. Originou-se da dissertação de Mestrado de 1994, na Universidade Federal Fluminense, constitui um esforço de superação das dúvidas a respeito da educação escolar e da escola nas comunidades indígenas Kaxinauá no Acre.

BARROS, Armando Martins; CASTRO, Renata Pinheiro. (orgs). Tradução para o português de Ruth Monserrat e Argemiro Silva (Karaí Miri). **Ara reko Memória e temporalidade Guarani**. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2005, 120p. – Resultado de um curso de formação para professores Guarani nas aldeias de Araponga, Bracuhy e Paraty-Mirim no Estado do Rio de Janeiro. Trata do cotidiano, envolvendo os professores pesquisadores que participaram do curso e atuam nas escolas nas referidas aldeias.

FREIRE, José Ribamar Bessa; MALHEIROS, Márcia Fernanda. **Aldeamentos Indígenas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UERJ, 1997, p.79. Reflete sobre a formação dos aldeamentos indígenas no estado do Rio de Janeiro a partir da chegada dos portugueses ao território, contato, dominação, resistência.

Pretende-se que através da trajetória histórica da escola na comunidade Guarani, se possa historicizar as vozes, os significados e a vida presente na aldeia.

### **Bibliografia:**

- BESSA FREIRE, J. R. **Cinco idéias equivocadas sobre índio**. Manaus: Cenesch, 2000, p.17-34 (Série conferências, estudos e palestras, n. 1)
- CHARTIER, R. (1996) *A visão do historiador modernista*. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs.) **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Koogan / Guanabara, 1989.
- PORTELLI, A. *Tentando Aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. In: **Ética e História Oral. Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, vol. 15, 1997, pp. 13-49.
- RIBEIRO, D. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp.157-158.
- SEF/MEC. **Referenciais para a Formação de Professores Índigenas**. Brasília/ MEC-SEF. 2002.